

*Ata da 13ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa  
do Estado da Bahia,  
em 14 de abril de 2016.*

**Presidência do Senhor** Deputado Marcelino Galo, ad hoc. À hora marcada, o Sr. Presidente e proponente da Sessão, invocando a proteção de Deus, declarou aberta a Sessão em **comemoração aos 20 anos do Massacre de Eldorado dos Carajás – Dia Mundial da Luta pela Reforma Agrária e Justiça no Campo**. Compuseram a Mesa dos trabalhos os Srs.: Jerônimo Rodrigues, Secretário de Desenvolvimento Rural, representando o Governador Rui Costa; José Rainha, Dirigente da Frente Nacional de Luta (FNL); Zé Maria Dutra, Superintendente Regional do Trabalho; Yulo Oiticica, Ouvidor-Geral da Bahia; Edino Souza, Dirigente do Movimento dos Trabalhadores, Assentados, Acampados e Quilombolas (Ceta); Edvagno Mato, Dirigente do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); Guimar Germani, Professora, Coordenadora do Grupo Geografar da UFBA e homenageada desta Sessão; Antônio Carlos Ferreira, representante da União de Resistência Camponesa; Wedson Souza Santos, Coordenador Nacional do Movimento dos Trabalhadores Independentes (MTI); Carlos Souza Lemos Chaves, Coordenador da Associação dos Advogados dos Trabalhadores Rurais; Ciro Cedraz, representante do Incra - Bahia; Fábio Nogueira, representante da Frente Povo sem Medo; Mário Soares Neto, representante da Consulta Popular. Após a execução do Hino Nacional, o Sr. Presidente passou a condução dos trabalhos para a Deputada Fátima Nunes e, da tribuna, condenou a “competência e a capacidade de exploração da elite brasileira”, que se reproduz às custas do sofrimento do povo brasileiro. Relembrou a ditadura no País, durante a qual trabalhadores rurais foram vítimas, explicando que o Golpe de 64 se deu pela reação violenta da elite quando Jango abriu a possibilidade de reforma agrária. Opinou que hoje são essas mesmas forças que tentam criar um Estado de exceção e subtrair direitos, sob a hegemonia da Rede Globo, Congresso Nacional, Michel Temer e PMDB. Disse que o TCU deu as condições para a criminalização da reforma agrária, além de estar em tramitação no Congresso a PEC 215, que “exterminará a população indígena”. Lembrou de casos recentes de assassinato de trabalhadores rurais no Paraná e na Paraíba. Afirmou haver uma corrupção sistêmica da elite brasileira, ressaltando que a Bahia viveu 40 anos dominada por uma oligarquia e que “essa corrupção ninguém discute”. Enalteceu os programas sociais implantados pelo PT, que fizeram a “universidade mudar de cor” e deram a possibilidade de moradia através do Minha Casa Minha Vida; nesse contexto, disse que esse é o momento de afirmar os direitos da população. Explicou que a Sessão tem o objetivo de analisar a conjuntura do Massacre de Carajás, ressaltando a importância do debate para “armar o povo brasileiro para a luta pela democracia”. Por fim, homenageou a Professora Guiomar pela coragem de

implantar na universidade um núcleo para estudar os povos do campo e informou que está em andamento a concessão do Título de Cidadã Baiana a ela. O Sr. José Rainha disse que não há nada a comemorar, já que 20 anos após o massacre houve poucas mudanças e sem-terra e índios continuam morrendo, assim como o Estado se aprimorou mais na repressão. Ressaltou que a FNL luta pela terra com o viés da luta urbana, tempo em que explicou que, mesmo com as conquistas após a chegada do PT do Governo, o erro foi acreditar que a “Casa Grande” aceitaria de bom grado a “Senzala” no poder. Afirmou que é preciso destruir o capital e construir o socialismo para que mudanças estruturais aconteçam, tais como reforma agrária e urbana e divisão de renda. Opinou que o Congresso não perdoará Dilma e que o impeachment já começa com Eduardo Cunha como presidente do Congresso; por outro lado, disse que o Estado não mudará, independentemente do resultado, sendo necessário o povo tomar o Congresso. Disse que a rua é o espaço para construir o amanhã ou a sociedade continuará escrava da oligarquia, ressaltando que cabe à esquerda brasileira decidir se fará ou não a revolução, já que na história nunca houve liberdade sem enfrentamento. Concluiu mostrando estar consciente do dever que a história deu a ele: defender a democracia, Lula e Dilma. O Sr. Presidente saudou os alunos da Escola Municipal Edvaldo Boaventura, de Areia Branca, participantes do programa A Escola e o Legislativo. O Sr. Yulo Oiticica, declamando poema de Castro Alves que diz “Senhor Deus dos desgraçados / Por que tanto horror perante os céus?”, perguntou: “Eldorado dos Carajás: até quando?”. Disse que os governos de Lula e o primeiro de Dilma foram de transição, mas este segundo mandato se caracteriza por “revolução ou golpe”. Saudou a história de luta de todos os presentes na Sessão, os quais “vivem de resistência” e são “heróis no meio de nós”. Citou frase de Gandhi que diz que é preciso resistência pacífica, mas não passividade, ressaltando que quer um País onde caibam todas as diferenças. Por fim, disse que no domingo, durante a votação do impeachment, o espelho d’água do Congresso vai refletir “a nossa cara”. O Sr. Wedson Santos reforçou a necessidade de ir para a rua, senão os líderes da luta voltarão para a cadeia. Disse que o MTI está à disposição para clamar pelos direitos da população e pela democracia no País. Concluiu afirmando que o capitalismo abraçou a causa das grandes empresas, que querem tomar o patrimônio do povo. O Sr. Antônio Carlos Ferreira disse que é uma falta de respeito não vencer a eleição e querer “ganhar no golpe”, tirando do poder a Presidente que não roubou ninguém. Criticou o Judiciário por tirar os sem-terra das propriedades da reforma agrária para entregar às empresas. Na sequência, foi exibido um vídeo produzido pelo Geografar em homenagem à Professora Guiomar Germani. A homenageada, da tribuna, externou emoção e disse ser significativa esta homenagem acontecer na Casa do Povo. Elogiou o Deputado Marcelino Galo, afirmando que ele é sensível às causas tratadas pelo Geografar e que a forma de ele fazer política é dignificante. Lembrou que um grupo de pesquisa não se constrói sozinho, mas com pessoas que acreditam na mesma coisa. Lamentou que 20 anos depois do Massacre de Carajás outros tantos trabalhadores rurais continuam tombando. Defendeu a importância do compromisso com a construção de um País

diferente, o que só será possível através da reforma agrária popular. Discorreu sobre a história do Geografar, que iniciou as atividades em 1996 com o objetivo de entender a geografia dos assentamentos rurais; logo depois, veio o massacre, o que mostrou a atualidade da proposta do grupo. Finalizou ressaltando que as trincheiras da universidade devem ser usadas para construir a base de conhecimento para toda a sociedade. A Deputada Fátima Nunes parabenizou o Deputado Marcelino Galo pela realização da Sessão. Questionou como é possível eleger, ao mesmo tempo, Dilma Rousseff e aqueles que estão no Congresso Nacional. Defendeu que é preciso manter a ousadia de lutar, pois “não é o fim do golpe que vai resolver os problemas do povo”. O Sr. Edvagno Mato disse que esse é o momento de alimentar o espírito de luta e companheirismo. Lembrou que a história dos camponeses sempre foi marcada por lutas, exemplificando com alguns momentos históricos como a Guerra de Canudos, as Ligas Camponesas, os massacres durante a ditadura, assim como Carajás, que mostra o que a classe dominante faz com os trabalhadores. Reafirmou compromisso na luta por uma democracia participativa. O Sr. Ciro Cedraz externou tristeza por mesmo depois de 20 anos dos acontecimentos em Carajás ainda se lamentar as perdas no campo. Disse que os servidores do Incra estão empenhados na reforma agrária e que, por isso, a instituição recebe ataques constantes do TCU e da mídia. O Sr. Edino Souza afirmou que o Oeste da Bahia é onde ocorre a maior concentração de renda no Estado. Disse que a qualidade de vida é o objetivo dos movimentos sociais, que precisam se unir e ir à luta pela reforma agrária. O Sr. Zé Maria Dutra disse que o Ministério do Trabalho luta pelo combate ao trabalho escravo, já que a “Bancada do Boi” no Congresso quer descriminalizar a escravidão, mais um direito que será tirado do povo se tiver golpe. Criticou a elite, que se acha superior e nunca aceitou Lula ter sido Presidente, e Eduardo Cunha, que tem diversas acusações, e afirmou que julga Dilma “uma mulher honesta”. Concluiu opinando que o Brasil só será um País de todos quando for superada a divisão de classes, o que se consegue através de luta. O Sr. Fábio Nogueira esclareceu que o PSOL é contra o golpe, bem como justificou a ausência do Polo de Unidade Camponesa, cujo representante perdeu a filha no dia anterior. Criticou Dilma, que poderia ter se posicionado em defesa de bandeiras populares, mas escolheu a governabilidade. Disse que é preciso construir uma democracia verdadeira, que seja popular e socialista, para acabar com a repressão burguesa. O Sr. Mário Soares Neto afirmou que a Consulta Popular estará presente onde o socialismo estiver sendo discutido. Fez um histórico da fundação da Consulta Popular, quando em 2006 foi fundado o Núcleo de Estudos em Práticas de Políticas Agrárias; em 2007, foi pensada a construção da Consulta Popular como mecanismo de mobilização da classe trabalhadora. Falou sobre ações feitas com quilombolas e a mudança do nome do Colégio Estadual Presidente Emílio Garrastazu Médici para Colégio Estadual Stiep Carlos Marighella. Ressaltou a importância de resistir ao cerco imperialista, que está em crise, e garantir a soberania nacional através da associação das pautas democráticas com a luta socialista. O Deputado Bira Corôa explicou que esta Sessão trouxe para o contexto desta Casa os que estão na luta, falando sobre a importância de discutir a

criminalização dos movimentos sociais. Disse ser importante fazer reflexões sobre o momento atual para rever a prática em nome da governabilidade, já que o Governo errou ao se distanciar dos movimentos populares. A Sra. Guiomar Germani entregou camisa do projeto Geografar para o Deputado Marcelino Galo, o Secretário Jerônimo Rodrigues e o Sr. José Rainha. O Sr. Jerônimo Rodrigues destacou o simbolismo de ele, como representante do Governador, falar por último, já que o Estado tem que ouvir os movimentos e a universidade. Ressaltou também o significado e a importância de mandatos que mantenham afinidade com os movimentos sociais. Disse ser importante unir movimentos sociais, Estados comprometidos e a universidade. Ponderou que quando há o risco de perder o Governo, como o que acontece agora, dá a sensação de que todo o trabalho será desperdiçado, mas mostrou-se confiante de que isso não acontecerá, por ter Lula e Jaques Wagner como articuladores. Afirmou que o papel da sociedade é ir às ruas e não se calar até domingo, demonstrando plena certeza de que não serão derrotados. Enumerou alguns mitos da reforma agrária: o tema ser exclusivamente rural, já que o alimento consumido nas cidades vem do esforço dos trabalhadores rurais; não ser preciso educação no campo, ressaltando a necessidade de ocupar os espaços das universidades para ter acesso à tecnologia e garantir o mesmo direito à educação; e tratar apenas de pobreza, argumentando que o tema é de democracia, liberdade e debate de interesses de classe. Concluiu celebrando a resistência, para que não seja reescrita a história da mesma forma que em Carajás. Após a execução do Hino da Bahia, o Sr. Presidente agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a Sessão.

PRESIDENTE -

1º SECRETÁRIO -

2º SECRETÁRIO –